

DO TERREIRO ÀS PISTAS DE CORRIDA: A FIGURA FEMININA NAS DISPUTAS DE VAQUEJADA DO SERTÃO CEARENSE¹

Laenia Nascimento da Silva (PPGAS/MN/UFRJ).

RESUMO: Esta pesquisa busca compreender de que maneira as mulheres, no papel de vaqueiras, desmistificam (ou complexificam) na prática a separação dos papéis sexuais em femininos e masculinos, a partir da construção de identidades no âmbito das vaquejadas. Constata-se que o ambiente das fazendas não se configura como um espaço exclusivamente masculino, mas que, assim como seus maridos, as mulheres possuem suas responsabilidades diárias, fazendo dessas atividades uma luta conjunta, muito embora continuem sendo associadas à noção de “não trabalho”. No entanto, essa questão tem se mostrado ultrapassada na contemporaneidade, e que elas, bem mais que espectadoras ou acompanhantes de seus maridos, passaram a assumir também o ofício de competidoras nas vaquejadas, destacando a relevância da AFEVA (Associação Feminina de Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão). Com base nessas constatações, é possível concluir que diante da posição assumida pelas mulheres nas edições de vaquejada, se mostra evidente que existe um mundo para além dos homens, ou seja, a pista de corrida tem se tornado, com o passar dos anos, gradativamente, um espaço de atuação feminina, estando elas cada vez mais ultrapassando os limites do terreiro, se colocando fora da separação dos construtos de feminilidade e masculinidade.

Palavras-chave: Vaqueiras; Vaquejada; Domesticidade.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo se trata de uma continuação da pesquisa iniciada na graduação². A monografia, que se chamou “Do aboio ao ‘valeu-boi’: aprendizagem e luta de vaqueiros e mulheres no município de Sobral – CE”, se desenvolveu em duas fazendas

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Conforme fora anunciado, o presente artigo resulta de um primeiro exercício etnográfico iniciado na graduação. Desse modo, não se trata de um estudo finalizado, uma vez que ele toma forma a partir do terceiro capítulo de meu trabalho de monografia, no qual pretendo desenvolver mais precisamente na pesquisa de mestrado.

denominadas Fazenda Estrela e Fazenda Grotas³, situadas no interior da cidade. Com isso, busquei compreender como se dava o processo de aprendizagem do ofício do *vaqueiro da lida* e do *vaqueiro da vaquejada*, desenvolvendo a análise a partir das descrições do dia a dia nas propriedades, da luta com o gado de corte, do trato e treino dos cavalos para as disputas, como também do momento de efetivação das vaquejadas, ocorridas nas duas propriedades.

Dito isso, é válido ressaltar que as propriedades, apesar de sediarem disputas de vaquejada, cotidianamente possuem focos distintos. A Fazenda Estrela é voltada à engorda de animais para abate e preparo do gado para corridas, já a Fazenda Grotas é direcionada ao trato e treino dos cavalos de disputas, ambas pertencentes a um mesmo proprietário.

Nesse artigo, apesar de se tratar de um estudo sobre mulheres, ao tratar da lida nas fazendas é impossível não fazer menção ao *trabalho* dos vaqueiros, que para além do seu ofício, seja nas fazendas como vaqueiro da lida, ou nas disputas enquanto vaqueiro da vaquejada, esses trabalhadores rurais são pais de família, ou seja, assumem o papel de responsáveis pelo núcleo familiar, e junto a suas esposas e filhos compõem o que Meyer Fortes denomina por grupo doméstico, sendo ele uma “fábrica de reprodução social” unitária, cíclica e contínua (FORTES, 2011).

Desse modo, dentro dessa esfera do grupo doméstico, o vaqueiro assume um papel de autoridade, e enquanto ao homem é atribuído o cargo de chefe de família e provedor da subsistência do núcleo familiar, às mulheres é conferida a função de organizar as atividades que condizem à casa, “(...) concebida como lugar da mulher por excelência” (HEREDIA, 1979, p. 79), estando elas sempre condicionadas ao ambiente doméstico e de *não trabalho*, apesar de quaisquer outras funções que elas venham a exercer nesse espaço.

Para além dessa dualidade colocada entre *trabalho* e *não trabalho* (HEREDIA, 1979), há ainda um outro par de oposição nessa problemática, sendo ela a que divide os papéis sexuais em *masculinos* e *femininos*, que para Marilyn Strathern:

Onde homens tem especial interesse em ver-se como os autores da vida coletiva, então se torna também interesse deles que a natureza dessa vida seja descrita através da diferenciação sexual. Se o que os homens fazem se torna público e visível, o domínio doméstico em contrapartida, torna-se identificável

³ Como o artigo se trata de uma continuação a um trabalho anterior, do mesmo modo como foi optado pela utilização de nomes fictícios para denominar as propriedades e interlocutores envolvidos inicialmente, essa decisão aqui persistirá, sendo mantidas as nomeações do primeiro trabalho.

com um espaço não-coletivo e feminino. Foi a transformação dessas categorias para o uso analítico na descrição das esferas de ação dos homens e das mulheres que se mostrou problemática (STRATHERN, 2006, p. 124-5).

Para a autora, a problemática referente aos papéis sexuais, na classificação comum ao Ocidente, se coloca quando as mulheres passam a ser tornadas invisíveis em razão de estarem associadas à domesticidade, ou seja, a um espaço não-político.

Assim, no decorrer do artigo, será mostrado de que forma esses aspectos se manifestaram em campo, e de que maneira as mulheres, no papel atuante de vaqueiras, desmistificam (ou complexificam) na prática a separação dos papéis sexuais em masculinos e femininos, a partir da construção de identidades no âmbito das vaquejadas quando passam a disputar em um espaço tido como predominantemente de pertencimento aos homens.

2. NO TERREIRO: A LIDA COTIDIANA FEMININA

No cotidiano das fazendas, assim como os vaqueiros possuem sua luta diária de cuidado para com os bichos da propriedade, as mulheres também possuem suas responsabilidades, muito embora exista uma diferenciação no papel exercido por esses dois agentes, uma vez que as atividades exercidas pela figura feminina não sejam consideradas como sendo um trabalho.

Heredia (1979) aponta para uma significação mais precisa a respeito do que consistiria essa divisão sexual de atividades, afirmando a autora que cada um dos membros ocupa um lugar relacionado à provisão dos bens considerados necessários à subsistência do grupo doméstico, sendo os trabalhos mais “pesados” e de sustento familiar uma função masculina, e as atividades consideradas como “maneiras”, leves, de caráter feminino, estando aqui o cerne do que seria tido como trabalho e não trabalho, “A oposição casa-roçado delimita-se a área do trabalho e do não trabalho, assinalando os lugares feminino-masculino relativos a essa divisão” (HEREDIA, 1979, p. 79).

Assim, costumeiramente, logo ao amanhecer do dia, as mulheres levantam junto de seus maridos para começarem seus afazeres domésticos. Logo em seguida, já passam o café, ao chegar o leite ordenhado, separam, coam e armazenam em garrafas *pets* aquele que pertence aos vaqueiros⁴, são elas que preparam as refeições, limpam a casa em que

⁴ Por não haver trabalho com vacaria (retirada de leite) nas propriedades, uma parte do leite ordenhado é dado aos vaqueiros, sendo o restante liberado aos bezerras.

reside o núcleo familiar, alimentam os animais de *terreiro* de sua posse ou das fazendas, seja para consumo ou venda, realizando ainda sua obrigação aos outros cuidados domésticos internos, como cuidar dos filhos e fazer a feira.

No que se refere aos bichos, Andriolli e Pereira (2016) apontam para uma divisão possível de alusão à nossa análise, consistindo em *animais selvagens* e *animais de criação*. Apesar de as mulheres não estarem na luta com os animais de porte da fazenda, tais como o gado, são elas que exercem total domínio sobre os outros bichos de *criação* das propriedades, sendo eles, “Ao contrário dos animais selvagens [...] aqueles que vivem, em geral, sua vida cotidiana ao lado dos humanos permanecendo nas redondezas de suas moradias.” (ANDRIOLI & PEREIRA, 2016, p. 95-6), podendo ser bichos de casa, criados em proximidade e com liberdade de estimação entre os humanos (ex.: cachorro e gato), e animais de *terreiro*, criados soltos nas imediações da fazenda, usados como fonte de renda feminina ou consumo do núcleo familiar (ex.: galinha, patos, porcos, carneiros, ovelhas).

Por não trabalharem com a retirada do leite em grande quantidade, não há produção de queijo, nata ou manteiga da terra⁵, salvo alguma feitura ocasional, o que consiste em um *trabalho a menos*, nas palavras de Geovana⁶, o que lhe faz lembrar seus tempos de menina e mocidade, quando era obrigada a fazer o queijo nas ocasiões em que sua mãe precisava ir à cidade fazer a feira:

(...) Ôh negócio *pra* dar trabalho! *Nam*, meu Deus, é muita bom, mas... Eu me lembro que quando eu morava lá com meus pais, ôh meu Deus do céu! Aí a minha mãe vinha fazer as compra, mas toda vida que ela vinha era um choro, porque eu tinha que fazer o queijo (risos). Ai, meu Deus! Era muito ruim! Aí o pai via eu, né? Chorando, com raiva de fazer e ia fazer no meu lugar. Quando a gente chegou aqui e as vaca *tava* dando mais leite, aí o Francisco inventou de querer fazer, mas *num* rolou muito tempo não, graças a Deus!

Apesar de ser considerado um trabalho “leve”, a produção do queijo também requer bastante força em sua realização, seja no levantamento de muitos litros de leite ou de soro, tendo de ser passados de um recipiente ao outro, em precisar ficar exposta ao

⁵ Manteiga da terra é um produto feito a partir da nata extraída do leite, sendo levada ao fogo e cozida para conseguir se produzir a ‘manteiga’ – quando retirada do fogo, possui uma consistência oleosa. Sua feitura geralmente requer bastante tempo e cuidado, exigindo que se permaneça sempre atento durante o processo. Uma questão peculiar ao preparo da manteiga consiste em não poder ser feita ao barulho, ou não se ter visitas em casa, pois afirmam que ela tende a desandar, não rendendo em quantidade.

⁶ Conforme se verá no decorrer do artigo, Geovana se coloca como uma interlocutora fundamental na construção da pesquisa, por ter sido a mulher com quem mais teve contato durante a execução do trabalho, e além de ser esposa de Francisco – vaqueiro da Fazenda Grotas -, ela também é vaqueira e uma das fundadoras da AFEVA (Associação Feminina de Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão).

calor, se tornando mais intenso quando se trata da produção de nata e de manteiga, atividade que requer inúmeras horas junto ao fogo sem que as mulheres possam sair, evitando que o alimento *desande*.

Assim, é possível considerar que “(...) o trabalho ‘leve’ não significa trabalho agradável, desnecessário ou pouco exigente em termos de tempo ou esforço. Pode ser estafante, moroso, ou mesmo nocivo à saúde – mas é ‘leve’ se pode ser realizado por mulheres ou crianças.” (PAULINO, 1987, p. 7). O trabalho das mulheres, ao qual é atribuído a característica de ser leve, por vezes se apresenta tão pesado e exaustivo quanto o realizado pelos homens. No entanto, pela hierarquização dos papéis sociais impostos a esses indivíduos, há essa distinção valorativa entre suas ações.

3. A AFEVA NAS PISTAS DE CORRIDA

Durante muito tempo, o ambiente das vaquejadas se constituiu como um espaço propriamente masculinizado em que o homem era seu personagem principal. Ele se afirmava como sujeito másculo, de força, prestígio e símbolo de desejo por parte das mulheres. A figura masculina se coloca assim como de caráter público, enquanto as mulheres se veem condicionadas a uma esfera privada e reclusas ao ambiente doméstico, ou seja, a casa:

Dessa forma, enquanto as atividades masculinas se tornam fonte de prestígio e prazer, as atividades femininas tendem a ser desvalorizadas, trivializadas, silenciadas e/ou invisibilizadas – remessadas para uma esfera doméstica subvalorizada, e dessa maneira, perpetuando o afastamento das mulheres dos espaços nos quais ocorre tudo aquilo que ‘realmente importa’ (ADELMAN, 2011, p. 932).

As colocações de Meyer Fortes (2011) ao associar a mulher ao campo doméstico, assim como a ideia do poder exercido dentro do campo político-jurídico, serviram de base para a fundamentação das críticas do feminismo, pois diante dos princípios contidos nesse campo, o homem se colocava como autoridade responsável pela sociedade, o que, de acordo com a Marilyn Strathern, instituiu uma necessidade de superação dessa ideia de público e privado: “Essa crítica levou a tentativas de reinscrever uma dimensão política na própria domesticidade. De fato, foi rapidamente aceito que o estudo da ‘política’ deveria ser separado do estudo da vida ‘pública’” (STRATHERN, 2006, p. 127).

Com o passar dos anos, tem se tornado cada vez mais possível constatar que essa questão se mostra ultrapassada, e que algumas mulheres, bem mais que simplesmente

espectadoras ou acompanhantes de seus maridos, passaram a assumir também o papel de vaqueiras. Elas, enquanto atores sociais, seguem ocupando e se apropriando a cada dia desse espaço, haja vista que por muito tempo ele foi considerado um campo masculino.

Desse modo, Geovana emerge como personagem principal dessa esfera na área em estudo. Além de assumir o papel de mulher de vaqueiro e as obrigações domésticas decorrentes, ela também é uma vaqueira, e, para além disso, congrega e se coloca como uma das responsáveis pela organização da Associação Feminina de Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão (AFEVA).

Criada na cidade de Apuiarés – CE, inicialmente, a associação foi formada com apenas 5 mulheres, e hoje é composta por 15 vaqueiras, algumas da própria região, como de Aracatiaçu, distrito de Sobral, e de outras cidades: Acaraú, Cariré, Cruz, Groaíras, Hidrolândia, Massapê, Reriutaba, Santa Quitéria, Varjota, incluindo também nessa categoria Estela (filha de Geovana e Francisco), de 15 anos, que assim como mãe iniciou pela disputa mirim e hoje segue na categoria adulta.

O objetivo da criação do grupo se coloca para muito além de representar um parque de vaquejada ou cidade por quem as vaqueiras estão disputando. De acordo com as integrantes, tratam-se de mulheres que possuem foco e anseiam, assim como os homens, derrubar bois para a conquista de premiações. Ressalta-se ainda que aliado a esse objetivo, é possível somar nas disputas da categoria feminina a busca por reconhecimento e respeito, seja por parte dos outros competidores, como também do público que assiste às disputas.

O grupo deu margem para que as vaqueiras, que anteriormente tinham de correr junto aos homens - fator esse que levava muitas delas a até desistirem de competir - passassem a se dedicar às disputas que ocorreriam entre elas mesmas, *ficando mais a vontade e em liberdade com uma turma só de meninas*. A AFEVA se volta ainda para ajudar aquelas vaqueiras que não disputam representando parques de vaquejada, e que conseqüentemente não possuem um patrão, auxiliando, quando necessário, no custeio de suas senhas de corrida, tendo em vista os valores e a questão de nem sempre possuírem o dinheiro para competir.

A associação é regida por uma líder e uma vice-líder, responsáveis por tratar das questões que antecedem as disputas como: (1) providenciar o caminhão para o transporte de animais, (2) arranjar cavalos para as meninas que não os possuem, (3) organizar as vaqueiras que irão competir, (4) listar as bebidas e os alimentos para as refeições, (5) acionar uma contribuição em dinheiro quando alguma integrante não possui condições de

pagar a senha para correr naquele momento, dividindo entre elas o valor ou tirando do caixa da associação (em que depositam uma contribuição mensal para compra de objetos de uso comum - como a tenda para se protegerem do sol nas viagens, isopor para armazenar bebidas, compra de comidas, etc. - assim também como quando ocorre de ganharem a premiação em alguma disputa).

Como a disputa feminina é algo recente e pela quantidade de meninas que participam ainda ser bem reduzida, muitos organizadores de vaquejadas hesitam em incluir a categoria nas competições, e quando o fazem, impõem a condição de um número mínimo de senhas a serem vendidas para fechar o valor da premiação, ou seja, é necessário haver pelo menos 10 competidoras para a disputa ocorrer.

Desse modo, um ponto importante nesse trabalho de organização das vaqueiras se coloca na articulação da quantidade de meninas que precisam correr, e daí se firma o esforço, principalmente econômico, em fazer com que pelo menos o número mínimo de vaqueiras seja suficiente para que elas consigam entrar para a disputa.

Há ainda aquelas integrantes que nem todos os fins de semana podem viajar para as edições em razão da faculdade ou do trabalho, o que exige uma sistematização precisa dos dias disponíveis de cada uma delas, assim como também envolve a variante do tempo que levará a competição, tendo em vista que alguns eventos ultrapassam os três dias de realização.

Da mesma forma que os vaqueiros, as mulheres também realizam treinos voltados para as competições, estes, evidentemente, que condicionados por suas obrigações cotidianas como trabalho, família, casa e filhos, tendem a ocorrer em um menor tempo, quando comparados ao preparo masculino que em sua maioria, principalmente se tratando do vaqueiro da vaquejada, se dá de modo exclusivo às disputas.

Diferente dos homens, apesar de muitas mulheres possuírem familiares atuantes no âmbito das vaquejadas, elas não possuem a mesma facilidade em aprender a montar, e grande parte das que compõem AFEVA foram treinadas em uma escola de montaria na cidade de Cariré, cujo dono é esposo de Débora, uma das vaqueiras da associação.

Ao acompanhar as edições de vaquejadas, nas idas a campo foi possível perceber na prática a desigualdade em “prestígio” para com as mulheres. Enquanto elas competem, torna-se evidente a desvalorização da categoria em disputa. O público que permanece assistindo se torna menor, e os que permanecem, por vezes, realizam piadas às competidoras referente a seus corpos, derrubadas aos animais e por estarem ali na posição

de competidoras. No entanto, é válido ressaltar que são comentários realizados não somente por homens, mas é possível ouvir o mesmo também de outras mulheres.

Apesar da resistência do grupo feminino em se afirmarem enquanto competidoras nas edições, o preconceito masculino ainda é persistente e bem maior no âmbito das disputas, pois, segundo as vaqueiras, muitos ainda acreditam que *vai impaiar muito essas mulher correndo*. Elas relatam que inicialmente as falácias e piadas eram mais constantes. E embora elas ainda existam, seguem diminuindo, apesar de lidarem por vezes com situações bastante delicadas:

É assim, porque nas vaquejadas desde criança que eu [Geovana] ando, e eu conheço praticamente todo mundo, né? As *menina* não conhece. Teve uma vaquejada que a gente foi *pra* banda do Pacujá que foi muito assim, a menina chorou porque escutou piada deles. Eles não diz comigo, eu levo na brincadeira porque eu conheço todos, mas ela chorou! Eles dizendo as *coisa* e as *pobe* ouviram, aí foi aquela coisa chata. Eu até perguntei a ela quem era, *pra* modo eu dizer umas *coisa*, que eu *tava* sem papas na língua mesmo, mas ela não falou quem era. Ela também não quis dizer, porque podia o marido dela também ir com conversa com ele, né! Alterado...

No entanto, na medida em que existem vaqueiros que visam dificultar a atuação feminina nesse meio, também há aqueles que contribuem para sua efetivação. As vaqueiras relatam que devido ao número reduzido de meninas a competir nas edições, por vezes a quantidade de senhas não fecha o valor da premiação das mulheres. Sendo esse o caso, basta somente que o locutor informe a situação e acione uma ajuda, que rapidamente os vaqueiros realizam a sua contribuição.

Uma outra colaboração desse apoio dos vaqueiros se refere à montaria, pois nem todas possuem seus próprios cavalos de disputa, sendo necessário aluga-los. Contudo, tendo conhecimento e proximidade com os competidores, é possível conseguir que eles emprestem seus animais sem que nada seja cobrado.

Geovana menciona que para o empréstimo dos cavalos é necessário que o vaqueiro confie em quem está a emprestar. Nem todos gostam de ceder seus animais às mulheres, por receio de *estarem naqueles dias e fazer muito mal pro cavalo*. Por essa questão e em razão de nem todas as meninas serem sinceras quanto a isso, ela afirma que muitos ainda resistem em emprestar as montarias. Nessa situação e por possuir um maior contato com os competidores, a vaqueira prefere pedir o cavalo emprestado para que ela corra, pela confiança e conhecimento depositados sobre ela, emprestando o seu próprio animal para as outras meninas, fazendo assim com que ninguém fique sem competir.

A liga de vaqueiras é descrita como sendo de bastante união entre suas integrantes, o que não implica que inexistam conflitos entre elas, havendo momentos de discordâncias e desentendimentos. Um momento referente a essas divergências de relações se coloca na existência de uma ambiguidade em campo por: 1) constituírem um grupo de mulheres vaqueiras; e o fato de 2) terem de competir umas contra as outras. Em alguns casos, a ideia do espírito da amizade permanece, até mesmo por algumas já se conhecerem antes da Associação ou por familiaridade (Geovana, sua filha Estela, a cunhada Márcia e algumas primas, Bruna e sua irmã Karina), em outros, a competitividade acaba por ocasionar situações aborrecedoras.

Apesar da resistência e insistência em participar das vaquejadas, algumas meninas tendem a correr com menos frequência em determinados momentos, o que se dá por diferentes razões, pois, conforme mencionado inicialmente: 1) nem todas possuem dinheiro aos finais de semana para pagar as senhas, 2) a questão de estar sempre dependendo de cavalos dos outros, 3) ouvir constantes indiretas e piadas por parte dos vaqueiros, assim como também 4) a questão da premiação feminina ainda ser muito pouca, chegando por vezes a não compensar entrar para as disputas. Tudo isso tende a refletir no interesse de participação das competidoras.

Algumas vaqueiras preferem disputar apenas nas vaquejadas, não correndo nos chamados bolões⁷. Essa preferência se dá por nessa competição não possuir um valor fixo em premiação, variando muito pelo número de inscritos. Desse modo, pode tanto haver um valor muito bom em premiação, como também (o que é mais comum) um valor muito baixo, como relata uma vaqueira, chegando a quantia em dinheiro ganha na disputa a ser menor que o capital investido na senha para correr.

Às vezes, possuir uma referência masculina próxima dentro desse campo de disputa não significa um apoio para participar das competições, como a situação mencionada sobre uma companheira de corrida de nome Alice, que se separou do marido, também vaqueiro, por seus ciúmes sempre que decidia competir nas edições:

Por causa dessa arrumação de ciúmes, ele dizia que apoiava, mas era aquele negócio que toda vida dava briga. Ela acabou se separando, aí agora é ela, a filha e o filho dela. A filha dela já tá correndo e ela vai pra vaquejada com os dois filhos. Viver numa vida assim, a pessoa querer empatar o que a gente gosta de fazer é muito chato! É um apoiar o outro, né? Já que é uma coisa que ele faz

⁷ Os bolões, assim como as vaquejadas, funcionam a partir das disputas. No entanto, se diferenciam por nas competições realizadas em bolões não haver um valor fixo de premiação, podendo variar bastante a depender da quantidade de competidores a apostar suas senhas. Sobre o valor obtido, é retirada a parte do organizador do evento, sendo o restante dividido entre os ganhadores.

também, mulher! Que é que custa, né? Isso aí é muito chato, a pessoa querer fazer uma coisa e a pessoa ficar botando a pessoa *pra* baixo, *nam...*

Por causa dos ciúmes do marido, a motivação da sua separação ao companheiro, hoje a vaqueira participa das competições com os dois filhos, que também disputam, se vendo livre para participar das edições. Geovana também menciona que, durante um determinado tempo, Francisco queria empatar ela correr, alegando os riscos da esposa se machucar, logo após ela sofrer um acidente. A vaqueira relata que durante a competição o boi atravessou na frente de seu cavalo, colidindo com o animal. Devido o arremesso e a forte pancada, a competidora desmaiou no momento do ocorrido, fraturou a clavícula e sofreu outros machucados.

Quanto a nova regulamentação promulgada para realização das vaquejadas, as vaqueiras veem nela pontos positivos e negativos. Elas consideram que o capacete é algo de extrema importância e segurança, pois com a sua utilização, é possível proteger a cabeça de pancadas fortes como, por exemplo, ao bater nas estacas/mourão das pistas de corrida:

Agora com esse negócio dessa lei melhorou foi muito, porque agora a gente corre com capacete. De primeiro não tinha capacete, as *queda* que nem a Carla levou sábado agora, isso ali se ela não tivesse de capacete tinha *lascado* a cabeça dela, porque ela bateu no pau, mulher! Ela caiu no pé da cerca e bateu a cabeça na estaca!

No entanto, esse mesmo benefício não é atribuído aos protetores de cauda utilizado nos bois para derrubada. As vaqueiras afirmam que o equipamento, quando encostado ao corpo, costuma cortar seus braços deixando em carne viva, mesmo com a utilização das luvas, outro acessório que também costuma machucar as mãos, principalmente a que possui um gancho para enrolar o rabo do boi (por ser de um material mais grosso).

Para evitar os ferimentos, as vaqueiras preferem colocar esparadrapos nos dedos, impedindo que queimem com o atrito ao puxar o rabo do animal, assim como também colocam ataduras nos braços para que o contato com o suporte do boi não arranhe e nem ocasione ferida aos braços.

Apesar dos machucados que são ocasionados pelos protetores, do mesmo modo como relata o vaqueiro soltador de bois de cancela nas vaquejadas na realização do campo de pesquisa, elas consideram que a sua utilização é benéfica quando se trata dos touros com pouco rabo:

Agora esses protetor é assim, né... tem uns que gosta, tem uns que não gosta! Porque, tipo: quando a gente ia correr que não tinha protetor, tinha boi que tinha o *rabim réi* bem pequenininho, quando a gente enrolava ficava naquele duro, não dava... não era bom. Aí nesse caso eu prefiro o protetor mesmo, com ele nessa parte aí é melhor. Agora o ruim mesmo é que queima demais! Tem que enrolar o braço quase todo de atadura, a gente usa muita atadura.

Nas vaquejadas pé de mourão (principal modalidade de disputa das competidoras do grupo), em que o boi precisa ser derrubado o quanto antes devido a pontuação ir diminuindo ao longo da pista, há a preferência por luvas mais finas, pois facilitam na hora de pegar o rabo do animal, acionando assim outros cuidados de proteção às mãos e aos braços (esparadrapos e ataduras). No entanto, ao se tratar da modalidade na faixa, quando se possui uma área expressa entre duas linhas para se fazer a derrubada, as vaqueiras optam pelas luvas mais resistentes e com gancho, alegando terem mais tempo de se organizarem na arena (puxadora e bate-esteira⁸) e de enrolarem a cauda na luva, tendo em vista que o boi pode ser derrubado mais à frente.

Elas mencionam ainda o fato de não poderem possuir unhas grandes, tanto porque atrapalham quando puxam o boi, como porque ocasionam machucados ao quebrarem. Não é possível também correr com anéis nos dedos, pois costumam enganchar ao puxar a cauda. Uma das vaqueiras que compõe a associação está a dois anos sem correr vaquejada, pois ao participar de uma competição com sua aliança, ocorreu-se do rabo da rês enroscar no anel e quebrar seu dedo. Por indicações médicas, no momento ela acompanha as outras mulheres somente para assistir às disputas, ficando reclusa ainda para competir.

Desse modo, ao considerar os apontamentos que se demonstraram em campo no que se refere ao papel social assumido pelas vaqueiras em desconstruir um paradigma antes recluso somente aos homens, é possível fazer alusão ao que coloca Marilyn Strathern (2006), em que o avanço da Antropologia feminista enquanto Antropologia consistiu em deixar de lado questões sobre a identidade sexual, passando a inaugurar um conjunto de questões conhecidas como sendo de construção social e cultural do gênero, voltada agora para a relação entre os construtos de masculinidade e de feminilidade.

Ao ultrapassar a separação dos papéis sexuais de homens e mulheres em três sociedades de seus estudos, a autora alega que “(...) o que venho argumentado é que aquilo

⁸ Nas disputas de vaquejada, corre-se em dupla: vaqueiro (a) puxador (a), quem faz a derrubada do animal, e bate-esteira, quem tange o animal para o parceiro (a) e lhe passa o rabo para que o outro faça o “valeu-boi” (expressão anunciada pelo juiz quando se marca pontuação, do contrário, se anuncia zero). Na categoria feminina, pode-se optar para que sua dupla (bate-esteira) seja masculina ou feminina, a ressalva é que a vaqueira puxadora seja mulher.

que precisa ser examinado é a forma da disjunção e não simplesmente a sua existência” (STRATHERN, 2006. p. 145). Apesar da existência de uma dualidade entre o masculino e feminino, sobretudo a que ainda se faz presente no âmbito da domesticidade e das vaquejadas - envolvendo homens que são autoridade do lar e vaqueiros, e mulheres que além de responsáveis pelo campo interno doméstico, assumem também a identidade de vaqueiras - o cerne dessa oposição se coloca em procurar entender como e de que forma essa separação se efetiva, considerando bem mais que a distinção sexual de seus papéis, mas as suas ações, como cada agente age dentro desses espaços, desconstruindo a ideia do público e privado.

4. CONCLUSÕES

Como mencionado inicialmente, o presente artigo se trata da continuação da pesquisa monográfica. Nele, aponto não conclusões, mas achados iniciais em campo a serem resolvidas (ou não), que me possibilitaram horizontes a serem desenvolvidos mais precisamente, na pesquisa de mestrado.

Aqui, conforme aponta Paulilo (1976) em seus estudos sobre mulheres rurais, o sexo de coloca como elemento discriminador no campo. A efetiva divisão em trabalho e ações de atuação masculina e feminina no campo doméstico e das vaquejadas é evidente, ao mesmo tempo em também se faz superada.

Desse modo, para além dos cuidados com a casa, com os bichos, e principalmente, da ajuda aos maridos, o trabalho feminino se coloca como inteiramente relacionado em complementaridade ao dos vaqueiros, fazendo-se assim uma luta conjunta, não mais individual e de domínio masculino: “Marido e mulher contribuem ambos com seu trabalho e esforço em prol da família; cada trabalho é peculiar ao relacionamento e não se pauta por uma medida dada pelo mundo exterior” (STRATHERN, 2006, p. 149).

No âmbito das vaquejadas, como durante muito tempo o espaço nas competições foi restrito aos homens, quando ocorria de alguma mulher querer disputar, deveria fazê-lo dentro da categoria masculina, competindo de igual para igual, por uma mesma premiação, com animais do mesmo porte, e além desses fatores ainda era preciso lidar com a repressão. Essas adversidades fizeram com que, em conjunto, um grupo de vaqueiras criassem a AFEVA, objetivando a implementação da categoria feminina nas disputas entre mulheres.

Desse modo, ao analisar os impasses e os esforços que culminaram com a criação do grupo, mas também a maneira como se organiza a categoria masculina, isto é, ao colocar os dois polos em comparação, é possível perceber que mesmo com a criação da Associação ainda existem muitas dificuldades.

Ao decidir disputar em uma edição de vaquejada, a preocupação dos vaqueiros se faz em realizar treinos para melhor se prepararem à conquista da premiação. No entanto, ao se tratar das vaqueiras, é preciso haver, em princípio, a certeza de que conseguirão competir dentro da sua categoria, sem a necessidade de se submeter a competições juntamente aos homens, ou como já ocorrera, de disputar dentro da categoria mirim.

Assim sendo, o estudo traz um campo de relações composto por agentes em seu ambiente de atuação, sendo eles masculinos e femininos, e que de acordo com Strathern:

A socialidade é vista como baseada nas relações entre indivíduos, nas construções sociais e culturais dos indivíduos ou das pessoas sexuadas (homens e mulheres) cuja individualidade ou caráter sexual se encontra além da construção (STRATHERN, 2006, p. 153).

A autora aponta que a socialidade dos indivíduos se coloca com parte de suas relações e construções sociais, e que suas individualidades se colocam para além de uma construção divisória em homem e mulher, tornando possível ainda estender essa concepção às ações das vaqueiras, que se colocam fora dessa separação de feminilidade e masculinidade atribuídas pelo campo doméstico.

Posto isso, diante do papel das mulheres nas edições de vaquejadas, se mostra evidente que existe um mundo para além dos homens, ou seja, a pista de corrida tem se tornado, com o passar dos anos, gradativamente, um espaço da atuação feminina. As interlocutoras da pesquisa estão cada vez mais ultrapassando os limites do terreiro, que lhes fora imposto pelo campo da domesticidade, fazendo relação e atuando dentro de um espaço que por muito tempo foi de domínio exclusivamente masculino.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. As mulheres no mundo equestre: forjando corporalidades e subjetividades 'diferentes'. Florianópolis: **Estudos Feministas**, v. 13, n. 3, p. 931-953, set./dez. 2011.

AIRES, Francisco Janio Figueira. **O “espetáculo do cabra macho”**: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas no Rio Grande do Norte. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado

em Antropologia Social) – PPGAS/UFRN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ANDRIOLLI, Carmem; PEREIRA, Luzimar Paulo. Os dilemas da criação: as ambiguidades dos relacionamentos entre humanos e não humanos em dois municípios mineiros. **Teoria e cultura**, v. 11, n. 2, 2016, p. 93-106.

COMERFORD, John. **Fazendo a luta**. Sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

FORTES, Meyer. **O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico** (série traduzida). Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia. 2011.

GARCIA JR., Afrânio; HEREDIA, Beatriz. Trabalho Familiar e campesinato. **América Latina**, ano.14, p.11-21, 1971.

HEREDIA, Beatriz. **A morada da vida**: trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

LIMA, Daniel Vaz. “O cavalo é quem te dá as dicas”: uma etnografia da relação entre domadores e cavalos no pampa brasileiro. São Paulo. **R@u – Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 7, n. 1, p. 193-210, 2015.

PAULILO, Maria Ignez. **Mulheres Rurais**. Quatro décadas de diálogo. Santa Catarina: Editora UFSC, 2016.

STRATHERN, Marilyn. **O Gênero da Dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade da Melanésia. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

TROTTA, Felipe. **No Ceará não tem disso não**: nordestinidade e macheza no forró contemporâneo. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2014.